Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2016

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Título: Da oralidade para a escrita: Produção textual.	
Autora: Gabrielangela de Oliveira Ramos.	
Disciplina/Área:	Língua Portuguesa.
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual Paulo VI.
Município da escola:	Boa Vista da Aparecida.
Núcleo Regional de Educação:	Cascavel.
Professor Orientador:	Sanimar Busse.
Instituição de Ensino Superior:	UNIOESTE.
Resumo:	Considerando a linguagem como um fenômeno social que surge da necessidade de interação entre os indivíduos, o ensino de Língua Portuguesa deve promover o letramento do aluno por meio de práticas que considerem os aspectos sociais e históricos em que o aluno está inserido. Deve-se partir, portanto, dos conhecimentos que traz consigo para, então, aproximá-lo das diferentes formas de uso da língua, aprofundando os conhecimentos linguísticos, levando-o a interagir e a transformar sua realidade. Investigações realizadas por meio da coleta de produções escritas de alunos de turmas do 6º Ano, de uma instituição pública da rede estadual de ensino do Oeste paranaense, apresentam dados relevantes sobre o processo de aquisição da escrita, evidenciando uma problemática no que diz respeito aos processos fonológicos e às representações ortográficas nos textos. Assim, esta proposta tem como objetivo desenvolver uma sequência didática partindo do relato oral de experiências vividas, perpassando aspectos da oralidade, da leitura de outros relatos, e da escrita como forma de analisar a língua e permitir-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada em diversas situação de comunicação.
Palavras-chave:	Relatos de experiências vividas; oralidade; escrita.
Formato do Material Didático:	Unidade didática.
Público:	Alunos de 6º ano do ensino fundamental.

APRESENTAÇÃO

O ensino da língua portuguesa requer um trabalho que parta das situações de interação, em que o aluno se coloque como agente da situação de comunicação. Esse engajamento, acredita-se, é o princípio para que a escrita e leitura insiram-se em práticas reais de comunicação.

Nesta unidade didática apresenta-se uma proposta de trabalho com o gênero relato de experiências, buscando envolver o aluno em condições de uso da língua em contextos reais de interação. A proposta volta-se para alunos de 6º Ano, do Ensino Fundamental, partindo do uso da língua, especificamente dos elementos coesivos.

Por meio da leitura de relatos, acesso a vídeos gravados pelos próprios alunos, relatos orais de experiências vividas, pretende-se criar condições para que os alunos se sintam motivados a produzir relatos escritos para uma coletânea que será publicada em um livro.

As reflexões sobre os gêneros textuais partem da compreensão de que o desenvolvimento da competência linguística está relacionado à capacidade de interagir e posicionar-se diante dos diferentes discursos. Há que se considerar, portanto, o estabelecimento de movimentos argumentativos baseados no devido domínio das formas de expressão da língua (BAKHTIN, 2000).

INTRODUÇÃO

A escrita possibilita o acesso à socialização mais complexa do cidadão, pois os gêneros escritos estão presentes na maioria dos campos de atividade humana. A interação social exige o domínio de uma infinidade de textos que surgem das variadas situações. Dessa forma, a proposta de produção textual é um momento fundamental para se trabalhar os usos e as normas da escrita e suas adaptações às diversas situações de comunicação.

Esta proposta busca desenvolver práticas que estimulem a produção de textos com coesão e coerência, através de uma sequência de atividades com o gênero textual relato de experiências vividas.

Para atingir o objetivo, a unidade didática está organizada em objetivos específicos:

- Comparar o relato oral (informal) ao relato escrito, buscando aproximá-lo da norma padrão da escrita, por meio de uma situação real de uso da linguagem falada e escrita;
-Identificar, discutir e utilizar corretamente os elementos de coesão e coerência textual responsáveis pela unidade e sentido de um texto;

Comunicar-se por meio na modalidade oral ou da escrita implica ser capaz de atuar socialmente de modo eficiente, pois, além de levar em consideração a situação de produção do texto, escrever mobiliza o pensamento. Conforme destacam Koch e Elias (2010):

> Escrever é uma atividade que exige do escritor conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentemente sociais que somos e, de forma sistematizada, na escola. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 37)

Segundo Geraldi (1997), no texto a língua revela-se em sua totalidade sua estrutura, organização e seus efeitos que representam diferentes relações a partir dos sujeitos, lugares sociais, discursos e situação comunicativa.

Tendo em vista que a escrita durante a formação escolar pode apresentar alguns roteiros, Geraldi (1997) apresenta a distinção entre redação e produção textual, na primeira produzem-se textos para a escola, enquanto na segunda, o texto é produzido na escola.

Geraldi (1997) ainda observa que ter o que dizer, ter uma razão para dizer, para quem dizer possa de fato instaurar um processo de interlocução no interior do texto. A comunicação é pensada então, como interação que requer conhecimento e envolvimento dos sujeitos envoltos nela.

Segundo Busse et all (2003, p. 358), “ao nos expressarmos, na escolha dos enunciados, na organização e seleção dos argumentos, revelamos concepções, expressamos ‘vozes’ que falam pelas e nas nossas palavras. Ligadas às devidas instituições, essas vozes representam o discurso da tradição, da religião e dos grupos sociais”.

Segundo Busse (2004), a análise lingüística compreende a reflexão e avaliação da língua a partir do contexto e do conhecimento de mundo que envolve o enunciado e seu processo de produção. A metodologia da gramática tradicional, que privilegia o estudo da frase desapropriada do seu contexto, inviabiliza uma compreensão racional dos mecanismos lingüísticos, pois não pressupõe, por parte dos interlocutores, a mobilização comunicativa.

Em um primeiro momento, a Unidade Didática apresenta uma breve discussão teórica sobre a concepção de escrita e sobre a importância de se propor estratégias de produção textual. A partir dessa discussão, são sugeridos encaminhamentos metodológicos possíveis de serem adaptados e aplicados no trabalho pedagógico com o gênero relato de experiências vividas.

DISCUSSÃO TEÓRICA

As experiências vivenciadas pelos alunos no que se refere à leitura e à escrita considera um olhar, muitas, prescritivo sobre o uso da língua. Porém, o ensino da língua portuguesa a partir do texto insere a prática em contextos de uso real da língua.

Na concepção sociointeracionista as vivenciais são processuais, o que exige, também, um trabalho mais sistematizado com os conhecimentos sobre a língua.

Partindo do pressuposto que o texto é materialização do discurso, deve-se levar em consideração a concepção que se tem sobre texto, o qual não pode ser entendido só como um conjunto de palavras e frases articuladas entre si, mas também com manifestação linguística das ideias de um autor, que serão interpretadas pelo leitor de acordo com seus conhecimentos e contexto.

O texto deve ser compreendido como um objeto de estudo e de pensamento, sendo elemento norteador de todas as atividades desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, pois conforme destaca Geraldi (1997):

> a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E isto não apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiadas, para delas ouvirmos a história, contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares. Sobretudo, é porque no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões. (GERALDI, 1997, p. 135)

Porém, trabalhar com a produção textual implica também em compreender elementos constitutivos do texto. Dentro deste contexto, o ensino de língua portuguesa precisa levar o aluno a compreender que para que um texto transmita a mensagem pretendida, para isso é necessário que esteja coerente e coeso.

Segundo Geraldi (1995, p. 137), para produzir um texto em quaisquer situações, por mais ingênuas que sejam, é preciso que:

a) se tenha o que dizer;
b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;

d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou,na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);

e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Todo texto é constituído por alguns aspectos formais como estrutura, elementos que estabelecem relação entre si. Dentre eles estão a coesão e a coerência, que dão sentido e forma ao texto. Visto que a coesão textual desencadeia uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto, sejam elas palavras, frases e parágrafos. É possível, portanto, levar o aluno a perceber que a coesão acontece quando um termo faz referência a outro dentro do texto, quando reitera algo que já foi dito antes ou quando uma palavra é substituída por outra que possui com ela alguma relação semântica. Alguns destes termos só podem ser compreendidos mediante estas relações com outros termos do texto, como é o caso da anáfora e da catáfora.

A partir de substituições lexicais se estabelece uma relação de sinonímia, antonímia, hiponímia ou hiperonímia, ou mesmo quando há a repetição da mesma unidade lexical (mesma palavra). Os elementos coesivos de um texto permitem as articulações e ligações entre suas diferentes partes, bem como a sequenciação das ideias. Fazendo uso de conectores como, conjunções, preposições e advérbios, estabelecemos relações de dependência e ligação entre termos. A garantia a compreensão da sequência acontecimentos de uma forma lógica e linear, depende da correta utilização dos tempos verbais.

Porém, um texto pode estar perfeitamente coeso, mas pode apresentar incoerente se não forem atendidos alguns princípios básicos no momento da produção. Em um texto não se pode ter situações ou ideias que se contradizem entre si, ou seja, que quebram a lógica, com fragmentos de textos que falam de assuntos diferentes. Será incoerente se ele não construir uma informação precisa, isto é, quando ocorre repetição excessiva de palavras ou termos, corre o risco de não conseguir transmitir a informação. Se a representação de ideias ou fatos não se relacionam, trazem incoerência ao texto.

Outros aspectos importantes para coerência textual são a continuidade temática, que acontece quando não se faz a correlação entre partes do texto e a quebra da progressão semântica, que ocorre quando não há a introdução de novas informações para dar sequência significativa.

Sendo assim, a coesão e a coerência devem ser entendidas como resultado da atualização de significados a fim de se formular sentidos e processos cognitivos entre os interlocutores do texto. Mas, além disso, as práticas de produção textual devem ter como objetivo formar escritores competentes, capazes de produzirem textos coerentes e coesos, conhecedores das possibilidades que podem utilizar para realizar seus discursos de acordo com objetivos e circunstâncias de comunicação sendo capazes de revisarem seus próprios textos, observando se os objetivos foram atendidos.

Portanto, formar escritores competentes requer uma constante prática de produção textual em sala de aula, levando em consideração a concepção sociointerecionista, a qual norteia a proposta de ensino de língua portuguesa, reconhecendo a natureza social da linguagem como produto de uma necessidade histórica do homem de interação social. Isso implica em reconhecer o gênero textual como a materialização do discurso, ou seja, da interação entre os sujeitos definidos por conteúdos, propriedades, funcionais, estilo e composição.

Koch (2009, p. 35) afirma que

> Costumou-se designar por coesão a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela se difere qualitativamente Sendo assim, antes de propor uma produção textual são fundamentais alguns encaminhamentos para que seja garantido que o aluno vivencie uma situação real de interação.

Segundo Costa-Hubes,

> precisamos ter clareza dos objetivos que orientam o trabalho com a língua, dos enunciados como forma de interação, dos gêneros como o elemento organizador dos enunciados e, nesse contexto, do texto como a materialidade discursiva da língua. O encaminhamento que precede uma situação de produção escrita, por exemplo, deve organizar-se a partir desses pressupostos norteadores, pois são as condições de produção que fulcram o que e como escrever naquele contexto significativo. (COSTA-HUBES, 2012, p. 10)

Assim, o domínio da escrita se dá a partir da produção de diferentes gêneros, resultante das diversas experiências sociais. As propostas de produção em sala de aula devem ser as mais significativas possíveis, dentro de contextos pautados em

uma situação de comunicação e não apenas para o professor corrigir e atribuir uma nota. Geraldi (1999, p.65) destaca que “é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (um único leitor, quando lê os textos)”. Por isso, nossas propostas de produção devem ter objetivos reais de comunicação.

Segundo Antunes (2005, p.50), “é importante, pois, ressaltar que a continuidade que se instaura pela coesão é, fundamentalmente, uma continuidade de sentido, uma continuidade semântica, que se expressa, no geral, pelas relações de reiteração, associação e conexão”

Visto que o conhecimento linguístico vai sendo construído através de práticas de leitura e escrita na escola, é importante propor produções de textos após um conhecimento sobre o gênero que se pretende produzir. Além da estrutura, para que o aluno produza bons textos, precisa compreender aspectos da língua e normas que a constituem.

As Diretrizes Curriculares para Educação Pública do Paraná (2008) salientam que:

> No processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se têm de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo. A ação pedagógica referente a linguagem, portanto, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno a leitura e a produção oral e escrita, bem como a reflexão e o uso da linguagem em diferentes situações. Desse modo, segure-se um trabalho pedagógico que priorize práticas sociais. (PARANÁ, 2008, p.25)

O ensino de Língua portuguesa parte da perspectiva de que os alunos das séries finais do Ensino Fundamental dominem o sistema da escrita, restando apenas particularidades a serem fixadas nas etapas de ensino seguintes. Porém, a realidade presente em sala de aula, principalmente com as práticas de produção textual, revela defasagens, por parte dos alunos, no domínio da fala e da escrita. Dessa forma, o domínio do código escrito e a compreensão de sua estrutura, é um grande desafio para a escola.

> E se a criança aprende a falar sem nenhum cuidado especial, a não ser o de colocá-la em contato com falantes, o mesmo não acontece com relação a escrita, que resiste vigorosamente a qualquer

> desabrochar espontâneo, e, não raro, não desabrocha jamais. (PÉCORA, 2000, p. 25)

Dentro deste contexto, é importante compreendermos também que as relações existentes entre fala e escrita estão relacionadas à Fonética e Fonologia, as quais produzem implicações para a variação linguística, isto é, elementos da fala relacionam-se diretamente com a escrita. Desse modo, o professor precisa ter conhecimento sobre a fonética e fonologia da língua para compreender porque seus alunos cometem determinados erros ortográficos, pois as práticas relacionadas a escrita na escola devem tomar a variedade da língua como ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento sobre a estrutura da língua.

Através de uma sequência de atividades com relatos de experiências vividas, que abordará desde o relato oral, até o registro escrito, o trabalho, aqui proposto, pauta-se no estudo das reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino, bem como a importância de papel da escola para o domínio efetivo da linguagem em todas as suas modalidades.

Diante dos baixos índices de desempenho dos alunos que concluem o ensino médio, principalmente das escolas públicas, com relação ao domínio da leitura e da escrita, o ensino de língua portuguesa carrega uma culpa histórica. Se é a escola, o espaço onde todas essas variedades linguísticas se encontram, é nela também que se tem um ambiente rico e amplo para explorar a língua. Assim, é necessário desenvolver práticas envolvendo os mais variados gêneros textuais que, segundo Marcuschi (2003), são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composições características.

Nas diferentes situações e necessidades de uso da língua, as diferenças existentes entre as línguas, representam apenas formas de sua atualização distinta. Porém, o uso da língua coloquial sempre foi carregado de preconceito racial ou cultural, associado a uma maneira errada de se falar uma língua ou uma maneira de distinguir a língua das classes mais favorecidas das menos favorecidas. Isso causa no falante um constrangimento e dificuldade para adaptar-se ao uso da variante padrão da língua.

Segundo Azevedo e Tardelli (2004), ‘Produzir um texto na escola é, pois, realizar uma atividade de elaboração que se apura nas situações interlocutivas

criadas em sala de aula; é um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico, espontaneísta ou meramente reprodutivo. (AZEVEDO; TARDELLI, 2004, p.45).

Dessa forma, o ensino de língua portuguesa deve respeitar as características presentes na fala do aluno e da sua comunidade, buscando aproximá-lo das variedades linguísticas pertencente a cada gênero e sua esfera de produção, ou seja, real situação de uso da linguagem, levando-o a compreender que existem diferenças em relação à fala, visto que, cada lugar apresenta sotaques, palavras ou expressões próprias daquela região. Tais diferenças provocam o aparecimento de preconceitos. Sendo assim, é preciso desenvolver práticas que valorizem a forma de falar, trazida pelo aluno, que deve ser vista, não como um erro, mas como uma diferença entre as diversas formas de comunicação existente. Conforme Faraco (2003)

> Do ponto de vista da ciência da linguagem, é preciso não confundir "diferença" com "erro". A diversidade – sintática (isto é, da estrutura da sentença), morfológica (da forma das palavras), lexical (do vocabulário) e de todos os traços fonéticos da fala – é elemento inseparável de todas as línguas humanas. Não existe "língua única". O "erro" é uma noção normativa que diz respeito à obediência às regras da chamada "língua padrão", que, é claro, ninguém usa o tempo todo em todas as situações. (FARACO, 2003, p.23)

É preciso que o aluno compreenda que cada um de nós fala muitas línguas, pois em nossas conversas com amigos de todo dia, não nos expressamos da mesma forma que em nossas conversas com pessoas desconhecidas ou que exercem uma função de superioridade na sociedade. Nosso vocabulário varia de acordo com nosso interlocutor, processamos linguagens diferentes para atender as necessidades de comunicação.

Sendo assim, não cabe à escola ensinar o aluno a falar, mas mostrá-lo as variedades usadas nas falas do cotidiano, conscientizando-os de que a língua não é homogênea, desenvolvendo práticas em diversos níveis trazidos por eles, do coloquial ao formal, contemplando as duas modalidades: a oralidade e a escrita.

Koch (1997) acrescenta que

> um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores

> de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela determinado sentido. Portanto, a esta concepção subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele no curso de uma interação humana. (1997, p. 25)

A língua escrita é um processo no qual o falante tem algo a dizer e o faz sempre em relação ao outro, ou seja, seu interlocutor, com uma determinada intenção. Dessa forma, o aluno precisa ter clareza de alguns aspectos: Para que escrever? Para quem? Quando? Onde? Suas produções devem ser pensadas como uma prática de comunicação, onde o próprio autor veja e reveja sua produção no percurso da atividade recorrendo a conhecimentos já memorizados sobre a língua. Conhecimentos esses que serão adquiridos, principalmente, na escola. Conforme destaca Koch e Elias (2010),

> Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem se escreve?), do quadro espacio-temporal (onde e quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo no próprio percurso da atividade, a sua produção. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 36)

Dentro desse contexto, analisar o texto e sua organização linguística, permite ao professor explorar aspectos ortográficos e gramaticais, bem como a função que cada palavra exerce dar sentido ao texto, possibilitando assim, que os alunos desenvolvam a reflexão sobre seus próprios textos.

Assim, este projeto apresenta uma proposta de trabalho com a língua portuguesa, envolvendo alunos de 6º Ano, do Ensino Fundamental, partindo das variantes linguísticas faladas no cotidiano, considerando experiências vividas pelos alunos, analisando relatos de outros falantes, oferecendo assim, condições para reflexão sobre uso da língua. Através da leitura de outros relatos, acesso a vídeos gravados pelos próprios alunos, relatos orais de experiências vividas, pretende-se criar condições para que os alunos se sintam motivados a produzir relatos escritos para uma coletânea que será publicada em um livro. Para isso será elaborada uma proposta didático-pedagógica que contemple uma situação real de vivência dos alunos, a qual será o ponto de partida para uma análise reflexiva da estrutura e organização da língua.

Levar o aluno a dominar a escrita de forma reflexiva e produtiva para a prática de leitura e produção de texto, tornando-o assim um escritor proficiente, tem sido o maior desafio da escola. Porém, o ensino da escrita, por ser considerado de difícil entendimento para aplicá-lo em práticas pedagógicas, continua sendo trabalhado de forma tradicional, sem considerar a língua na perspectiva da interação e do texto como enunciado. As propostas de produções textuais devem voltar-se para a observação e análise da língua em uso, criando oportunidades para o aluno refletir, construir, considerar hipóteses a partir da leitura e da produção de diversos textos.

Neste sentido, esta unidade didática, procura desenvolver uma proposta de trabalho em sala de aula, no ensino da língua portuguesa, por meio de um roteiro de atividades, a partir de uma reflexão teórica aprofundada sobre a língua, que é um fenômeno social, um processo dinâmico, contínuo e inacabado. Desenvolvendo estratégias, com base em estudos da linguagem que se materializa através das diversas situações de comunicação em diferentes meios, principalmente nas conversas informais do cotidiano, com vistas a levar o aluno a aprofundar o conhecimento sobre a função e o uso de variedade padrão da língua e o domínio da escrita, compreendendo-a como instrumento de interação e ascensão.

A partir dessa concepção, será desenvolvida uma sequência de atividades com os alunos do 6º ano do colégio Estadual Paulo, Município de Boa Vista da Aparecida para que os mesmos, possam perceber as diversas formas de uso da língua, seja, falada ou escrita, bem como as particularidades existentes em cada uma delas.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Apresentamos, a seguir, a proposta de trabalho com a unidade didática. A partir da concepção sociocognitiva e interacional (dialógica) da linguagem, conforme Koch (2011), as atividades voltam-se para o gênero discursivo relato de experiência.

Nessa perspectiva, o texto é considerado um “evento sociocomunicativo” (KOCH, 2011, p. 13), cuja existência se faz a partir da interação entre produtor e leitor, a partir da qual os sentidos são construídos.

O relato de experiência compreende os gêneros do domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situando-as no tempo.

O trabalho com a coesão textual busca sistematizar os conhecimentos e as práticas textuais dos alunos sobre os elementos que garante a unidade do texto, dando-lhe coerência.

Em se tratando do gênero relato de experiências, destacamos algumas questões que orientarão a leitura e a produção dos relatos:

i) Tema do relato?
ii) Objetivos do ator com relação ao que se quer dizer?
iii) Objetivos do ator com relação ao que se quer que os leitores compreendem?
iv) Onde está publicado?

As características textuais.

a) Autoria: a autoria apresenta-se com a utilização de verbos que expressam atitudes e estados ou sentimentos, adjetivos caracterizadores de sentimentos e estados e os pronomes;
b) Estrutura linguística: verbos na primeira pessoa. Quando o relato foi oral e depois escrito, como no caso do pioneiro da cidade, o texto será na terceira pessoa do singular;
c) Descrição do espaço: o local é descrito a partir de aspectos regionais. Assim, o regionalismo estará registrado na linguagem e no espaço;
d) Descrição do tempo: para marcar o aspecto memorial do relato de experiência com adjuntos adverbiais e por meio de verbos.

- **Reconhecimento do gênero**

1) Leitura do texto “Como comecei a escrever”, de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em:< http://bernalizareli.blogspot.com.br/2015/09/6-serie-7-ano-relato-de-experiencia_17.html> Acesso em 16 dez. de 2016.

2) Leitura do texto “Uma história de Páscoa”, de Heloísa Schurmann. Disponível em:<http://bernalizareli.blogspot.com.br/2015/09/6-serie-7-ano-relato-de-experiencia_17.html> Acesso em 15 de dez. 2016.

3) Leitura do texto: “MINHA PRIMEIRA PROFESSORA”
(Paulo Freire, publicado pela Revista Nova Escola em dezembro de 1994).
Disponível em:< http://ccmc1ano.blogspot.com.br/2012/05/relato-pessoal.html> Acesso em 15 dez. de 2016.
Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55292> Acesso em 15 dez. de 2016.

4) Compreensão do gênero:
a) Releia os textos e complete o quadro:

	Como comecei a escrever	**Uma história de Páscoa**	**MINHA PRIMEIRA PROFESSORA**
NOME DO AUTOR: ONDE FOI PUBLICADO: LOCAL DA HISTÓRIA: TEMPO DP RELATO:			
NOME DO AUTOR: ONDE FOI PUBLICADO: LOCAL DA HISTÓRIA: TEMPO DP RELATO:			
NOME DO AUTOR: ONDE FOI PUBLICADO: LOCAL DA HISTÓRIA: TEMPO DP RELATO:			

Adaptado de http://bernalizareli.blogspot.com.br/2015/09/6-serie-7-ano-relato-de-experiencia_17.html

5) Atividades de compreensão do texto:

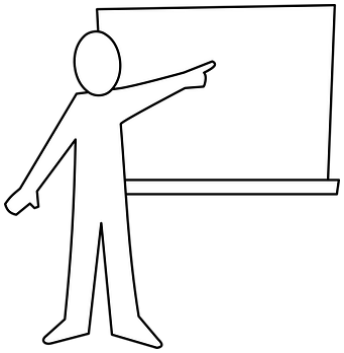
a) Agora vamos montar um glossário das palavras de que vocês não conhecem o significado, para isso, pesquise no dicionário.

b) Os alunos recontarão uma das histórias.

6) Agora, a tentativa é sua! Relate como estes momentos marcaram sua vida:

Texto	**Fatos da sua vida (se não tiver lembrança, crie algumas)**
Como comecei a ler https://pixabay.com/pt/l%C3%A1pis-apontador-notebook-papel-918449/	

Texto	**Fatos de uma viagem**
Uma história de Páscoa https://pixabay.com/pt/ilha-tropical-p%C3%B4r-do-sol-oceano-681459/	

Texto	Fatos da sua vida
Minha primeira professora  https://pixabay.com/pt/professora-escola-educa%C3%A7%C3%A3o-frente-307650/	

- **Relatos de Experiências; conhecendo melhor o gênero**

Marcas de autoria, marcas de diálogo

A vivência das pessoas nunca é solitária. Assim, o autor de relatos de experiência também revela em seu texto o diálogo com outros sujeitos que dela participaram:

- rememorando situações vividas com outros sujeitos;
- trazendo vozes desses sujeitos para seu texto, citando direta ou indiretamente o que eles disseram;
- marcando a introdução direta dessas vozes com dois pontos, aspas ou travessões;
- marcando a introdução indireta das vozes com o uso de verbos de dizer: como ele disse..., na hora em que ele falou que..., o pai da criança contou..., a diretora da escola observou.

Fonte: www1.educacao.pe.gov.br/cpar/.../Recursos%20de%20coesão%20textual.ppt

- **Produzindo Relato de Experiência**

1) Observe o Mapa:

Fonte: https://pixabay.com/pt/brasil-mapa-am%C3%A9rica-do-sul-estados-23553/

2) Localize no mapa o estado onde está localizada a sua cidade:

3) Se um estrangeiro chegasse agora na escola, como você descreveria a sua cidade?

Informações sobre a minha cidade:

4) Você conhece a história da sua cidade, das pessoas que aqui chegaram? Pesquise com seus familiares:

História da minha cidade:

- **Conversa inicial com o aluno**

Com certeza, você já leu diversas narrativas de ficção, inventadas, em prosa, em verso, tristes, amimadas. Isso permitiu que você conhecesse os diferentes gêneros textuais, ou seja, aqueles que se referem às várias situações de comunicação que revelam de maneira específica o que queremos dizer. Um conto, um e-mail, uma reportagem, uma fábula, entre muitas outras, cada gênero textual com características próprias. Mas há narrativas que contam fatos realmente vividos por quem os conta.

É comum compartilharmos com as pessoas que convivemos experiências vividas em nosso cotidiano, trata-se de algo tão comum que nem nos damos que estamos produzindo um gênero textual da oralidade. Trata-se do relato, que pode ser oral ou escrito, que possui elementos da uma narrativa, contendo personagens, um narrador, localizados em um tempo e um espaço.

Que tal produzirmos uma coletânea de experiências que marcaram nossas vidas? Para isso, faremos alguns estudos sobre esse gênero.

Inicialmente, ouviremos com atenção o relato de nosso convidado. Para isso é importante conhecermos algumas questões a respeito dele:

A) Qual o nome e idade do convidado?
B) Há quanto tempo mora no local?
C) Qual a profissão que exerce? Qual o grau de escolaridade?
D) Qual a experiência que mais marcou sua vida?

- **Produção do gênero**

1) Agora, você fará o registro da experiência relatada, como se você fosse o relator, lembrem-se de registrar apenas o que foi relatado, isto é, use as palavras do nosso convidado.

- Objetivos pretendidos com esta produção:
- Quem serão os leitores, o que esperam sentir e compreender ao lerem o texto?
- Em que veículo o texto será publicado?
- O espaço para o texto está definido? Qual o número mínimo e o máximo de palavras que poderá ser usado?
- Há recomendações específicas para a diagramação do texto?
- Como ele será divulgado? Por meio de qual suporte?
- Pergunte-se sempre:
- qual o tema do relato?
- qual a razão ou quais as razões que nos levam a escrever?
- o que desejamos comunicar aos leitores?

Fonte: *ww1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/.../**Relatos**%20de%20**experiências**.ppt*

- **Atividades linguísticas e o gênero Relato de Experiências:**

Por exemplo:

Doce infância

Minha infância foi maravilhosa. Cresci com meus primos, avós, tios e tias.
Morávamos no sítio, rodeados pela natureza e pela liberdade.
Eu gostava de brincar com meus primos no meio da roça.
Mas, a melhor lembrança é da escola. Foi lá que aprendi a ler e a escrever.
Descobri outro mundo na escola, feito de cores, letras e números. Gostaria de voltar lá e reencontrar meus colegas.

Fonte: Texto produzido pela pesquisadora

Doce infância

_____ infância foi maravilhosa. Cresci com _____ primos, avós, tios e tias.

Morávamos no sítio, rodeados pela natureza e pela liberdade.

_____ gostava de brincar com _____ primos no meio da roça.

Mas, a melhor lembrança é da escola. Foi _____ que aprendi a ler e a escrever.

Descobri outro mundo na escola, feito de cores, letras e números. Gostaria de voltar _____ e reencontrar meus colegas.

Fonte: Texto produzido pela pesquisadora

NOSSA, TEUS, AQUI, MINHA, EU, MEUS, SEUS, MEUS

- **Leitura para aprofundamento do gênero**

Sugestões de livros: Menina Bonita do Laço de Fita; Dona Baratinha; Bento que bento é o frade; Alguns medos e seus segredos; Palavras, palavrinhas e palavrões; Quem perde ganha...

1) Assistiremos agora, um relato de experiência vivida pela autora das obras lidas. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=zWz-IKmgwdQ> Acesso em 12 de dez. 2016.

2) Roteiro para discussão:

- Qual foi o acontecimento relatado pela autora?
- Que tipo de linguagem ela empregou, formal ou informal? Qual é o público alvo de seu relato?
- É possível identificar o tempo e o espaço em que a ação ocorreu?
- É possível identificar marcas da oralidade?
- Agora, vamos escrever coletivamente o relato que assistimos, reproduzindo exatamente as palavras da autora, por meio da escrita.
- Como se trata da reprodução de um relato oral, observe que há no texto,

marcas da oralidade. Juntos, vamos eliminar as marcar da oralidade presentes no relato escrito, tornando a linguagem mais formal.

- **Produzindo oralmente**

1) Conversa com o aluno:

Quando vivemos experiências marcantes, muitas vezes queremos contar tais fatos para outras pessoas. Existem experiências que marcam nossas vidas. Lembre-se de um fato que tenha marcado sua vida: algo muito divertido, uma viagem, uma festa, um passeio, uma travessura ou algo muito triste. Conte-o para seu colega que irá gravar seu relato.

Para isso, você pode seguir o roteiro abaixo:

Quando o fato ocorreu? Qual sua idade na época?

Onde o fato ocorreu?

O que e como ocorreu?

Quem esteve envolvido no fato?

- **Aprofundando o gênero**

1) Para realizar análise e um estudo mais aprofundado do gênero, os alunos farão a leitura, interpretação e análise do texto "Férias na Antártica", das autoras: Laura, Tamara e Marininha Klink, do livro didático Projeto Teláris, Língua portuguesa, 6º ano. Disponível em < http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com.br/2016/08/atividade-de-interpretacao-de-relato.html .> Acesso em 12 de dez. 2016.
2) Agora, você vai conhecer um relato de uma experiência que marcou a vida de três irmãs, as Klink. Trata-se de uma viagem de férias:

.

3) Roteiro para discussão e interpretação:

A) Qual foi o acontecimento que as irmãs relataram?
B) Quem são os personagens envolvidos no relato?
C) Onde e quando ocorreram os fatos?
D) No relato, as autoras fazem referências dos lugares onde passam, localizando o leitor geograficamente. Identifique alguns trechos do texto em que isso

acontece.

- **Atividades Linguísticas**

1) No relato, foi empregada a primeira pessoa do plural, pois foi relatado por três irmãs. Como seria, se apenas uma das meninas fizesse o relato? Reescreva o primeiro parágrafo do texto e compare as mudanças ocorridas.

2) No relato de experiência vivida pelas meninas, em muitos momentos emprega-se uma linguagem mais informal, identifique trechos em que isso ocorre:

3) Leia:

> A coesão é essencial para a construção de um texto, pois permite que as ideias sejam organizadas com ligação harmoniosa entre as diversas partes do texto e é representada por palavras ou expressões que ligam parágrafos, períodos e frases, bem como aquelas que se referem ao de já foi citado em um texto, evitando assim a repetição de palavras.

- Sabendo disso, retorne ao texto "**Férias na Antártica"**, e identifique a que se refere cada uma das expressões destacadas nos trechos abaixo:

a) "Pessoas que nunca tinham visto um barco antes também participaram da **sua** construção..."
b) "Para chegarmos **lá**, balançamos para cima e para baixo..."
c) "Fomos para um continente que não tem dono, bandeira ou hino, **onde** sentimos temperaturas abaixo de zero."
d) " mesmo longe, **eles** são muito diferentes."

4) Você receberá um envelope contendo um relato de experiência vivida. Organize o texto "Enchente" disponível em < http://image.temmais.com/Redacao/Premiacao/3%C2%BA_exper_vivida_-_4%C2%AA_serie_-_ingrid_vieira_rocha.pdf> Acesso em 14 de dez. 2016, a partir dos trechos que você recebeu. Depois compare seu texto ao de seus colegas e discuta com eles:

- Da forma como você organizou, foi possível entender o texto?
- Quais são as palavras que dão início a cada trecho ?

6) Observe os trechos dos relatos abaixo. Una-os transformando-os em uma única frase, eliminado as repetições:

a) Eu estava muito ansiosa para o início da minha festa. Minha festa seria naquela tarde.

b) Naquela época morava em Boa Vista da Aparecida. Nasci em Boa vista da Aparecida.

c) Morava no sítio. Morava com meus pais e meus irmãos.

Fonte: Frases elaboradas pela pesquisadora.

➢ **Produzindo Relatos de Experiências**

1) Neste momento será proposta a produção do relato de experiências vividas pelos alunos que foi gravada em vídeo anteriormente. Aponte aos alunos aspectos da oralidade que deverão ser eliminados no momento da escrita. Observando o vídeo gravado anteriormente e os conhecimentos adquiridos até aqui sobre o gênero em estudo, os alunos farão o relato de experiências vividas. Cabe ressaltar que cada relato fará parte de uma coletânea de textos que será publicada em um livro no fim sequência de atividades.

- Agora vamos retomar os vídeos produzidos e vamos transformá-los em um texto escrito, lembre-se que seu texto fará parte de uma coletânea que será publicada em um livro para que outras pessoas conheçam sua história;

- Preste atenção as marcas da oralidade que você utilizou;
- Evite a repetição de palavras, para isso empregue elementos coesivos empregados anteriormente:
- Seja coerente, lembre-se que para que seu texto seja compreendido pelo leitor, precisa ter uma sequência lógica de fatos de e acontecimento.

2) Após a reescrita dos alunos, os textos serão digitados para serem publicados no livro intitulado: “CADA UM DE NÓS, UMA HISTÓRIA”

   Para a divulgação do livro, será organizada uma mostra da sequência de atividades realizadas com os alunos até a produção final de seus textos para a apreciação de todo público leitor da comunidade escolar, promovendo assim a circulação do gênero. Tornando assim, uma prática significativa de comunicação.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Irandé Costa. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

AZEVEDO, Claudinéia B. e TARDELLI, Marlete C. Escrevendo e falando na sala de aula. In CHIAPPINI, Lígia. Aprender e ensinar com textos de alunos.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BUSSE, Sanimar & SELLA, Aparecida Feola. **Textos Argumentativos: como são produzidos pelos alunos do 2º grau?** CELLIP/2003. Londrina, 2003.

_____. **Considerações sobre o processo de asseveração instaurado pelo predicado nominal e seus ladeadores**. Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários 6.: 2003: Marechal Cândido Rondon

BUSSE, Sanimar. **Variação linguística e ensino: Os desafios do ensino da língua portuguesa.** In: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (org.) Práticas Sociais de Linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

FARACO, Carlos A. Oficina de texto. Rio de Janeiro: Vozes 2003.

GERALDI, João Wanderley e CITELLI, Beatriz (Orgs). São Paulo: Cortez, 2004, p. 25 – 47.

GERALDI, J. W. (org) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLINK, Laura; KLINK, Tamara; KLINK, Marininha. Férias na Antártica. São Paulo: Grão, 2010. Projeto Teláris, editora Ática.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MACHADO**,** Ana Maria. Produção de Leitura Companhia. Roteiro: Leitura Companhia. S I .S I., 2013. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWz-IKmgwdQ>. Acesso em: 14 dez. 2016.

MARTA PONTES PINTO. **O gênero Relato e suas caracterí:** S. I.. 2014. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=55292>. Acesso em: 15 dez. 2016.

ROCHA, Ingrid Vieira. **Enchente:** Relato de experiências vividas. S I. Disponível em: <http://image.temmais.com/Redacao/Premiacao/3º_exper_vivida_-_4ª_serie_-_ingrid_vieira_rocha.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antonio, XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna: 2004.

PARANÁ, Governo de Estado, Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Paraná: Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica, 2008.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de Redação.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de Português na Escola. In: GERALDI, J. W.(org.) **O texto na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Ática 1999, p. 32-38.

Sites: